

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC-SP**

**Maria Elizabeth Cosmo Melo**  
RA 176386

**PREGUIÇA, TEMPO LIVRE E LAZER:**  
**Uma discussão histórica e necessária do ócio, da palavra da**  
**moda ao sentido do prazer**

*Especialização Lato Sensu: Curso de História,  
sociedade e cultura da Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo - PUCSP. Orientador:  
Prof. Dr. Claudinei Cássio de Rezende*

São Paulo  
2018

# **PREGUIÇA, TEMPO LIVRE E LAZER:**

## **Uma discussão histórica e necessária do ócio, da palavra da moda ao sentido do prazer**

Maria Elizabeth Cosmo Melo \*  
Claudinei Cássio de Rezende \*\*

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo discutir a transformação do tempo livre, sua trajetória e organização ao longo das mudanças vividas pelo indivíduo tanto na busca por descanso laboral ou simplesmente o seu "direito à preguiça". Na lógica do capital a noção de tempo imposta pela máquina supervalorizou a vida laboral e com ela todas as recompensas e valores que só um indivíduo produtivo pode alcançar. Entretanto a revolução tecnológica e sua eficácia na produção traz a ampliação do tempo livre porém, não temos com isso uma diminuição ao culto do aproveitamento do tempo, os momentos vividos fora do trabalho também devem ser produtivos, os lazeres e prazeres são fabricados e comprados, neste contexto vividos de forma perene e rápida, não indo além do capital. Conclui-se que o indivíduo precisa viver uma real experiência de ócio e neste novo contexto a educação voltada ao descanso o chamado "ócio criativo" tem sido discutida e defendida, por estudiosos que buscam propor uma pedagogia para a vivência deste tempo afim de expor novos modos de vive-lo e de torna-lo realmente livre.

**Palavras-chave:** ócio, tempo, trabalho, prazer, sociedade.

**Abstract:** This study has the objective discuss about the free time transformation, the trajectory and organization along to the experience lived by the individual, thus to seek labor rest or merely claim laziness. In the capital logic the notion of time imposed by the machine overvalued the labor life and with it all the rewards and values that only a productive individual can achieve. However, the technological revolution and its efficiency in production brings the enlargement of free time, but we do not have a reduction in the cult exploitation time, the moments lived outside of work must also be productive, leisure and pleasure are manufactured and bought, in this context lived perennially and rapidly, not going beyond the capital. of work must also be productive, leisure and pleasure are manufactured and bought, in this context lived perennially and rapidly, not going beyond the capital.

---

\* Bacharel em Turismo pela Universidade Cruzeiro do Sul. Licenciada em Pedagogia e História pela Universidade São José.

\*\* Pós-doutorado em História Moderna e Contemporânea pela PUC-SP; doutor e mestre em Ciências Sociais pela Unesp (Fapesp); Professor de História da Arte na PUC-SP (Cogeae), e professor de História Social da Arte no Museu da Imagem e do Som (MIS) da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.

It is concluded that the individual needs to live a real experience of leisure and in this new context the education focused on rest the so-called "creative leisure" has been discussed and defended by scholars who seek to propose a pedagogy for the experience of this time in order to expose new ways of living it and making it really free.

**Keywords:** Idleness, time, work, pleasure, society.

### **Introdução: História e ócio.**

Ócio em grego é *scholé* a palavra que para nós significa escola. Nas sociedades antigas só era possível dedicar-se à atividade do conhecimento e aprendizado aqueles que não tivessem a obrigação do trabalho, a busca do conhecimento e erudição só era possível através do tempo dedicado ao tempo livre.

Para os gregos e romanos que mantinham uma sociedade escravista a prática da *scholé* reafirmava sua posição social assim como nas sociedades aristocráticas da Europa feudal só uma vida na qual se cultiva o ócio é possível a erudição, o engajamento para a vida política com ocupações nobres onde se mantinha assim um status social.

Nas diferentes revoluções discutidas em a *Era das Revoluções*, Eric Hobsbawn, fala sobre o fogo francês das ideias, no qual se foi possível refletir sobre os diferentes aspectos da vida:

[...] a Grã-Bretanha forneceu o modelo para as ferrovias e fábricas, o explosivo econômico que rompeu com as estruturas socioeconômicas tradicionais do mundo não europeu; mas foi a França que fez suas revoluções e a elas deu suas ideias. (HOBSBAWM, 1981, p. 71)

Se, por um lado, a Inglaterra nos deu o cárcere do tempo, por outro, a França nos sacode com a revolução dos valores e dos costumes. Há um valor no tempo, que agora é vendido, explorado e comercializado. Já neste momento, o ócio nada mais tem de atraente, não traz riquezas, não é produtivo. Tendo agora uma obediência aos relógios o tempo deixa de ser marcado pelos "ritmos da natureza",

na qual o indivíduo se organizava por estações ou chuvas, limitava ou abrangia sua produção a esta condição, o tempo do homem agora é ditado pelo “ritmo da máquina”.

Edward Thompson pontua que:

“na sociedade, capitalista madura, todo o tempo deve ser consumido, negociado, é uma ofensa que a força de trabalho meramente ‘passe o tempo’”. (THOMPSON, 2005, p. 272)

Na sociedade capitalista inglesa do século XVIII o ócio é julgado pecaminoso e provavelmente é a partir deste momento que a palavra herda seu caráter negativo que se mantém até os tempos contemporâneos.

Ganha o estigma de imoral, visto que nas reformas religiosas a burguesia cristã dá ao trabalho um status de progresso, construindo com isto a ética capitalista de desenvolvimento assim preguiça e a desocupação são vistas como doença.

Já no início do século XIX com o capitalismo industrial em ampla ascensão, a burguesia tinha posição semelhante a da aristocracia (então derrubada pelos mesmos em nome da tal *Egalité*), e isso graças a exploração do trabalhador, este se dá conta que o progresso moral e financeiro pregado pelo puritanismo e cristianismo não fazia parte da realidade do operário miserável e doente que ocupava a Europa. Esta situação gerou, entre revoltas e lutas, a criação de ideologias das quais os empregados são inflamados a lutarem por seus direitos. Explodem neste período as lutas de classes que visam exigir direitos mínimos para as massas.

“ ... é dizer que os filhos dos heróis do Terror se deixaram degradar pela religião do trabalho aponto de aceitar, após 1848, como uma conquista revolucionária, a lei que limitava a doze horas o trabalho nas fabricas; eles proclamavam como sendo um princípio revolucionário, o direito ao trabalho. Envergonhe-se proletariado francês! Somente escravos seriam capazes de tamanha baixeza! [...] E se as dores do trabalho forçado, as torturas da fome se abaterem sobre o proletariado em número maior que os gafanhotos da

Bíblia, foi ele que as invocou. O trabalho que em junho de 1848, os operários exigiam armas nas mãos, foi por eles imposto a suas famílias; entregaram aos barões da indústria, suas mulheres e seus filhos. Com suas próprias mãos demoliram seus lares, com suas próprias mãos secaram o leite de suas mulheres; as infelizes grávidas que amamentavam seus filhos, tiveram de ir para as minas e manufaturas curvar a espinha e esgotar os nervos; com suas próprias mãos, estragaram a vida e o vigor de seus filhos. Envergonhem-se proletários". (LAFARGUE, 2000, p.71-72)

Na ebulição das revoltas trabalhistas surge uma voz em defesa do trabalhador, Paul Lafargue um revolucionário político, nascido na Cuba de 1842, cresce na França a meio a explosão de mudanças sociais que moldaram a ideia de trabalho a qual vivemos até hoje. Lafargue que tem contato direto com as ideologias positivistas, materialistas e sociais durante sua formação encontra Marx seu mentor, e casa-se com sua filha com quem tem três filhos, todos eles falecem de forma precoce, fazendo com que Lafargue se decepcione com a medicina, sua formação inicial. Seguindo o caminho como ativista na Internacional dos Trabalhadores, sendo inclusive preso por diversas vezes Lafargue pensa de forma coerente a loucura pelo trabalho.

Dentre os muitos escritos deixados o mais conhecido se intitula "O direito à preguiça" publicado em 1880 no jornal L`Egalite, um manifesto rico em detalhes que utiliza-se de uma retórica requintada para defender que o direito a preguiça é antes de tudo uma forma de se manter o equilíbrio físico, mental e emocional do ser, a "preguiça" defendida por Lafargue tem hoje basicamente os mesmos conceitos de lazer e prazer, o autor usa de forma perspicaz "preguiça" de forma proposital provocando o conceito cristão de santificação do trabalho imposto pela igreja e a burguesia, fazendo assim uma analogia a um dos sete pecados capitais.

Lafargue retoma a ideia de ócio da Antiguidade, onde o trabalho era desprezado e o ócio valorizado, em sua obra encontramos as ideias defendidas por Aristóteles por exemplo, fazendo uma comparação das ideias tais que a máquina substituiria o trabalho humano e assim não seriam necessários escravos, entretanto

a máquina substitui sim o trabalho humano, mas a libertação do homem não ocorreu. Para Lafargue a entrega do trabalhador ao vício do trabalho era para uma produção que transcendia as necessidades, isso geraria a crise da superprodução. Um manifesto relevante, escrito de forma direta e explícita sobre se ter direito ao prazer e ao descanso, a interação entre ele e o trabalho traz a luz as ideias para as conquistas tão necessárias a classe, ocorrida tempos depois a principal delas as reduções de jornada excessivas de trabalho.

Com a carga horária reduzida, se inicia outra problemática: a disciplina do tempo, sendo ele livre ou não e sua produtividade. E neste contexto a escola americana dita as regras e atropela o resgate do ócio. O modelo americano tende a moldar o tempo do trabalhador sendo ele livre ou não para a maior produtividade possível, cultuando assim o utilitarismo:

“A importância do taylorismo, a nosso ver, advém fundamentalmente do fato de concretizar de forma exemplar a noção de ‘tempo útil’ que a sociedade do trabalho injetou no coração de cada um de nós: há muito tempo guardamos um relógio moral que nos pressiona contra o ócio”. (Rago, 1984 p.11).

Dentre os tempos sociais o trabalhador foi se encaixando em torno destes períodos divididos e ditados pelo universo do trabalho e da ocupação, nesta divisão observamos os tempos, sendo eles: religioso, de trabalho, social, tempo familiar e fechando esta estrutura de forma regrada está o tempo do lazer que beneficia o indivíduo com o mérito oriundo do trabalho.

A palavra lazer substitui ‘ócio’ e de forma mais regrada é definida como:

“[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (Dumazedier, 1995 p.16).

Assim não viver seu lazer de forma útil ou produtiva está na contramão de uma cultura cada vez mais ocupada. A preguiça não tem direito, mesmo nos dias de descanso deve-se ser produtivo. Já em uma sociedade consumista o tempo livre agora, com o nome de lazer tem o formato racional, porque é bem empregado, moral porque é merecedor e economicamente útil porque gera riqueza, inicia-se assim a indústria do entretenimento.

Após a Segunda Guerra Mundial quando a busca por territórios estava esgotada, os mercados têm sua exacerbação da produção. Sem a exploração de novos mercados à industrialização, os mercados internos se expandem, e o consumo se estende a todas as classes esgotando as possibilidades de novos negócios, com a superprodução de bens.

Com a jornada de trabalho mais suave graças ao desenvolvimento crescente da tecnologia, o trabalhador assalariado tem mais tempo livre e a indústria de serviços cresce, interessada em criar necessidades em um público potencialmente ativo e comprometido com o tempo produtivo.

A febre do consumo não possui apenas sede de bens e objetos industrializados, quando se expande uma ideia de necessidade, o tempo livre deve ser preenchido com realizações não palpáveis, que satisfazem o indivíduo dentro do seu contexto social, cresce assim o terceiro setor e com ele a indústria do lazer.

## **2. Ócio um grande Negócio**

A indústria do ócio nada tem de improdutiva como soava a palavra precursora, ela é sim uma nova face do capital, no qual sua mercadoria é vendida em diferentes classes, não se desfazendo de nenhuma potencial clientela. Mesmo entre a classes menos abastadas, o sonho de “descanso” pode ser vendido e parcelado, uma forma suave de se viver uma “experiência de felicidade” que já foi privilégio apenas dos mais ricos.

No entanto, o entretenimento e o turismo não obedecem uma regra de utilização democrática dos aparatos de lazer, o tempo livre se tornou mais um componente do sistema capitalista que determina a quem o produto é vendido. Separa ao mesmo tempo que possibilita destinos de acordo com o poder aquisitivo do indivíduo.

Analisando o lazer e sua dimensão dentro do contexto social, percebe-se que para se ter o direito a preguiça antes deve-se ser merecedor, ser trabalhador assalariado ao menos para se adquirir seu pacote de férias, por exemplo, ou possuir o potencial aquisitivo para isso. A autonomia e a busca individual do prazer estão ligados a uma escolha na qual se faz necessário o poder aquisitivo, assim o indivíduo só valoriza e vivencia o descanso comprado.

“O controle acontece da sociedade em relação as pessoas e das pessoas em relação a elas mesmas, e o lazer nasce em um determinado momento histórico e a partir de uma liberação consentida, em que a satisfação e a liberdade individual são elementos secundários, mas necessários para esse sistema de regulação imposto pelo capitalismo”. (Turino, 2005, p. 126)

O prazer como mercadoria nesta lógica, aprisiona o indivíduo a uma tríade na qual tempo, felicidade e dinheiro são produtos complementares. As regras para uma ascensão social visam aos trabalhadores bem sucedidos que tenha não só mais tempo disponível ao prazer, mas, sim um tempo útil preenchido com o lugar de descanso em destaque na mídia, na qual seu tempo livre será muito bem aproveitado com tantas atividades seja possível naquele espaço tempo. Sendo assim não há descanso, a nova ordem social associa o descanso com a contradição do aproveitamento de tempo.

Mesmo o indivíduo tendo mais tempo livre com o advento da tecnologia, o ócio não é absorvido na sociedade, uma vez que o sujeito em questão não é ensinado a descansar e sim a aproveitar de forma útil este tempo livre. Para a sociedade de consumo não existe uma pedagogia a ser desenvolvida em uma

atividade da qual não se traga uma finalidade para o tempo empregado. Como não somos ensinados para o ócio, e sim para o negócio o consumo do tempo livre é a justificativa para o tempo do trabalho, tempo este que não representa prazer.

Alheio a uma possível satisfação pessoal o sujeito não aprende ter autonomia na liberdade do seu tempo. A indústria do entretenimento conta com uma série de artifícios para seu desenvolvimento, o marketing é um deles. Ditando regras de tempo e consumo, instiga no indivíduo o desejo, vendendo sonhos de situações felizes e realizações na qual o objetivo de “não fazer nada” do trabalhador nunca estará em primeiro plano, a ideia é não ter tempo, assim se tem a sensação que este indivíduo está preenchido de momentos inesquecíveis.

Desta forma o capital impõem a regra do que se é necessário consumir no uso de um tempo livre particular, a transformação da sociedade neste processo que o meio acadêmico chama de “liquefação” da sociedade contemporânea é amplamente discutida nas obras de Zygmunt Bauman, sociólogo polonês que pensou e defendeu o conceito de modernidade líquida. Este conceito aponta que a transformação social que ocorreu após a expansão do consumismo capitalista dita a regra nas sociedades desde a revolução industrial até os dias atuais. Na obra “vida para o consumo” Bauman discute e aponta o trágico comportamento da transformação do indivíduo em mercadoria e os impactos desta transformação nas diferentes áreas da vida humana: política, econômica e cultural.

O autor discute de forma lúcida e clara que os valores subjetivos da vida humana são negociados e comercializados como meros produtos de mercado. Comparando as colocações do autor a luz da ideia discutidas ao ócio dentro da perspectiva do consumo a que este também foi condicionado as experiências vividas no tempo livre devem seguir um padrão de consumo ditado por uma sociedade que transforma produtos e fregueses em uma ciranda simultânea, na qual o consumidor só se torna consumível se usufruir das experiências da moda.

De acordo com Bauman:

“É preciso primeiro se tornar uma mercadoria para se ter uma chance razoável de exercer os direitos e cumprir os deveres de um consumidor” (Bauman, 2008, p. 89).

O momento e suas diferentes experiências são vividas de forma líquida, sem consistência, não há envolvimento ou uma experiência subjetiva, de forma perene e raso o prazer é vivido, a situação é vivida de maneira a agradar e se enquadrar ao produto social, ser parte dele, só assim a mercadoria (humana) será vista como digna de consumo.

O ócio nesta dimensão se torna em uma foto tirada em um destino turístico da moda ou uma prática social particular que deve ser visível a sociedade nas redes sociais na eterna busca por aceitação e satisfação. Este comportamento também é mencionado por Bauman, quando se refere que:

Há um vício em que os indivíduos têm a obrigação de expor sua intimidade em ambientes públicos, formando assim uma sociedade confessional. (Bauman, 2008, p. 89)

## **Considerações finais:**

### **A pedagogia do prazer em nome de um ócio mais criativo.**

Muitos estudos sociais estão indicando a necessidade do indivíduo ser ensinado ao ócio dentro de perspectivas humanistas sendo esta uma saída aos comportamentos impostos pelo capital. As referências a prática de um ócio criativo pautam que o ócio como experiência subjetiva recuperaria sua vertente clássica: tornando-se assim uma vivência informativa, cultural e reflexiva que visa o desenvolvimento do ser. A ideia de ócio criativo foi defendida por o sociólogo italiano Domenico de Masi seu trabalho mais conhecido com o mesmo nome, visa exemplificar ao leitor que o ócio pode ser vivido de uma forma mais completa

quando se é inserido em todos os âmbitos da vida não só nos momentos de tempo livre, mas, e principalmente também em seu trabalho, estudos e lazer.

Há no trabalho do autor a crítica ao indivíduo que pauta sua existência a vício do trabalho, suprimindo sua existência ao ganho de sua vida e a perdendo neste ciclo vicioso.

A proposta do autor é que diferente de um ócio inútil e sem sentido o trabalhador possa de forma criativa desenvolver atividades que tragam lazer e prazer, transformando a mente em algo ativo e progressista, visando uma melhora na qualidade de vida pessoal e automaticamente da sociedade.

Ele diz:

“...o que se está em jogo é uma batalha entre a inovação e a conservação, não sendo o caminho impedir o progresso, mas sim geri-lo de modo que favoreça a difusão das condições da felicidade” . (DE MASI, 2000, p. 185).

O tempo livre e o ócio mais que um lazer comprado e programado é parte integrante do indivíduo independente de uma ocupação ou da fase que se está sendo vivida, na sua busca de conexão com seu prazer e autonomia de escolha.

A busca destes estudos se faz necessária visto que é importante ensinar o indivíduo que resgatar sua vontade e desejo pessoal por fazer suas escolhas seja qual for a atividade que se queira ou deseje realizar, seja esta independente e solitária ou em grupo, particular ou compartilhada, seja ela uma grande viagem ou um simples ato de preguiça, mas que seja seu.

“A educação costuma sonegar o direito ao ócio; observa - se que as escolas tendem a preparar a criança para a importância da profissão e do trabalho no futuro, isto é, preparam crianças e jovens para a vida adulta moldada pelo trabalho, porém não há orientação nesse processo para o uso adequado ao tempo do ócio, um fator de vital importância para a edificação de indivíduo equilibrado. Isso porque a escola dentro de uma concepção moderna, está profundamente demarcada pelo paradigma da produção industrial, reiterando que a atividade social dominante e determinante da configuração social é o trabalho” (Aquino, 2007, p. 479)

Educar para o tempo livre é a proposta destes autores, um processo que se iniciaria na educação formal, objetivos de intervenção pedagógica a fim de potencializar as pessoas em suas autonomias a viverem com qualidade seu tempo de forma criativa, transformando a experiência de forma a enriquecer o ser que a vive de forma pessoal e expandindo para o social.

## **Bibliografia:**

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. *Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho*. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v.7, nº 2, 2007, p. 479-500.

CHAUI, Marilena. Introdução. In: LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. São Paulo: Ed. Hucitec; Ed. Unesp, 2000.

Cuenca, M.C. **Pedagogia del ócio**: Modelos y propuestas. Bilbao, España: Universidad de Deusto, 2004.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções**: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LAFARGUE, Paul. **O direito à Preguiça**. São Paulo: Ed. Hucitec; Ed. Unesp, 2000

RAGO, Luzia M.; MOREIRA, Eduardo F.P. **O que é taylorismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

REQUIXA, R. As dimensões do lazer. **Caderno de Lazer SESC**, São Paulo, doc. 1, Jul. 1976.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, ed., 2005.

TRIGO, L.G.G. **A sociedade pós industrial e o profissional em Turismo**. 2. ed. Campinas: Papirus, ed.,1998.

TURINO, C. **Na trilha de Macunáima**: ócio e trabalho na cidade. São Paulo: SENAC, São Paulo SENAI, ed., 2005

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Abril Cultural, ed.,1980

ZYGMUNT, Bauman. **Vida líquida**. Rio de Janeiro : Zahar, ed.,2005.

ZYGMUNT, Bauman. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar ed., 2008